

## O CARRETEL INICIAL: UM ESTADO DO CONHECIMENTO EM CURRÍCULO DECOLONIAL NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

THE INITIAL REEL: A STATE OF KNOWLEDGE ABOUT DECOLONIAL CURRICULUM IN  
VISUAL ARTS TEACHER TRAINING

EL CARRETE INICIAL: UN ESTADO DE CONOCIMIENTO EN EL CURRÍCULO DECOLONIAL  
EN LA FORMACIÓN DOCENTE EN ARTES VISUALES

Marina del Carmen Rodrigues de Oliveira <sup>1</sup>  
Fabiana Souto Lima Vidal <sup>2</sup>

**Manuscrito recebido em:** 09 de fevereiro de 2023.

**Aprovado em:** 16 de julho de 2023.

**Publicado em:** 25 agosto de 2023.

### Resumo

Este texto se trata de um Estado do Conhecimento redigido no sentido de auxiliar a construção de uma pesquisa sobre e para a Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Rondônia. Aqui, conto um pouco das escolhas e motivações que permeiam a investigação, onde entremeio decolonialidade, formação docente e currículo em busca de compreender quais as pistas da decolonialidade na formação inicial docente em Artes Visuais. Para tanto, reúno teses e dissertações que dialogam com estas concepções, dando continuidade ao debate de quais caminhos podemos trilhar para democratizar a formação inicial docente e a arte/educação.

**Palavras-chave:** Estado do Conhecimento; Formação docente; Decolonialidade; Currículo.

### Abstract

This text is a State of Knowledge written in order to assist the construction of a research on and for the Graduation Course of Visual Arts of the Federal University of Rondônia. Here, I tell a little about the choices and motivations that permeate the investigation, where I interperse decoloniality, teacher training and curriculum to then seek to understand what are the clues of decoloniality in initial teacher training in Visual Arts. To this end, I gather theses and dissertations that dialogue with these conceptions, continuing the debate on what clues we can draw to democratize initial teacher education and art/education.

**Keywords:** State of Knowledge; Teacher training; Decoloniality; Curriculum.

<sup>1</sup> Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco, com bolsa pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Rondônia. Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação e do Grupo de Pesquisa e Extensão Espaço para Criações Poéticas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8032-6734> contato: [marina.carmen@ufpe.br](mailto:marina.carmen@ufpe.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais Associado da Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação e integrante da Rede de Representantes da Federação de Arte/Educadores do Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0439-7378> contato: [fabiana.vidal@ufpe.br](mailto:fabiana.vidal@ufpe.br)

### Resumen

Este texto trata de un Estado del Conocimiento escrito para ayudar a la construcción de una investigación en y para la Licenciatura en Artes Visuales de la Universidad Federal de Rondônia. Aquí cuento un poco sobre las elecciones y motivaciones que permean la investigación, donde entrelazo decolonialidad, formación docente y currículo para luego buscar comprender cuáles son las claves de la decolonialidad en la formación inicial del profesorado de Artes Visuales. Para esto, recojo tesis y disertaciones que dialogan con estas concepciones, continuando el debate sobre qué caminos podemos trazar para democratizar la formación inicial docente y el arte/educación.

**Palabras clave:** Estado del Conocimiento; Formación docente; Decolonialidad; Currículo.

### Bastidor

O presente Estado do Conhecimento, de caráter parcial, foi desenvolvido a fim de compreender os pontos de encontro e de distanciamento da investigação dissertativa que desenvolvemos<sup>3</sup> na linha de pesquisa de processos educacionais em Artes Visuais, do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Deste modo, este estudo dialoga com outras produções que investigamos e com pesquisas encaminhadas no campo da formação docente em Artes Visuais que propõem a decolonialidade como uma opção epistemológica-metodológica nas Licenciaturas.

Neste intuito, foi desenvolvido, anteriormente, outro Estado do Conhecimento a partir de trabalhos selecionados nos anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e da Federação Brasileira de Arte/Educadores (FAEB) entre os anos de 2018 a 2021 e 2015 a 2019, respectivamente. Este conta com 11 pesquisas, nove delas dos anais da ANPAP e duas dos anais do ConFAEB, também estudadas no sentido de auxiliar a compreender quais os caminhos da formação docente em Artes Visuais no Brasil e como esta pode se tornar um espaço de ampla discussão e representatividade das culturas (OLIVEIRA; VIDAL, 2022)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> A construção do texto se deu a partir de memórias individuais de formação e processos investigativos muito íntimos, para então refletirmos juntas na pesquisa, portanto a Profa. Dra. Fabiana Vidal assume um papel de orientadora e escutadeira da pesquisa e, por isso, ora o texto é escrito em primeira pessoa do singular, ora em primeira pessoa do plural.

<sup>4</sup> Foi redigido um artigo deste primeiro Estado do Conhecimento de caráter parcial e socializado no 31º Encontro Nacional da ANPAP - EXISTÊNCIAS que pode ser acessado no endereço eletrônico:

A partir do exposto, os trabalhos selecionados e refletidos nesta escrita são, portanto, fruto da busca pela ampliação de ideias, de busca por referenciais, pistas e caminhos investigativos já trilhados. De acordo com a professora e pesquisadora brasileira Marisa Vorraber (2007, p. 147), a pesquisa deve ser trilhada de maneira contingencial, isto é, a partir das possibilidades que a sujeita pesquisadora constrói desde as experiências vividas ao momento de assimilá-las como ciência, para isso, exige que estejamos abertas também às nossas “intuições, suspeitas, dúvidas”, de modo a abrir espaço e criar conexões com o que se deseja pesquisar. Desta maneira, buscamos ser atravessadas pelas flechas lançadas pelas pesquisadoras<sup>5</sup> lidas e, assim, dilatar cada vez mais a investigação em desenvolvimento e essa escrita.

Para tanto, passei a realizar buscas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e nos repositórios do PPGAV UFPE/UFPB, a partir do uso de diferentes conjuntos de descritores, que serão apresentados integralmente abaixo, e resultou na leitura na íntegra de três teses e uma dissertação. Foi necessário o uso de diferentes grupos de palavras-chave, visto a insatisfação gerada pelo baixo número de trabalhos selecionados a partir de um único recorte, essa atitude possibilitou a ampliação e leitura de pesquisas fundamentais para o percurso de escrita que vem sendo construído.

A metodologia para a seleção destas escritas se deu da seguinte maneira: uso de palavras-chave no campo de busca da BDTD com a delimitação do período de 10 anos (2012-2022), leitura dos títulos, leitura dos resumos, leitura das introduções e, posteriormente, leitura dos trabalhos completos. Foram, pois, usados os seguintes conjuntos de descritores: experiência estética; visualidade; formação docente; licenciatura; Artes Visuais, neste recorte foram encontradas 11 pesquisas e pré-selecionados três estudos a partir da leitura dos títulos. No seguinte recorte – formação de professores; decolonialidade; Artes Visuais –, foram encontradas cinco pesquisas, dentre as quais foram selecionadas três. No último conjunto de palavras – formação docente; decolonialidade; artes – foram encontradas 11 pesquisas e apenas uma foi selecionada.

---

[https://www.even3.com.br/anais/31enanpap2022/510739-ela-nao-e-deste-planeta--as-visualidades-que-atravesam-e-\(de\)colonizam-os-licenciados-em-artes-visuais/](https://www.even3.com.br/anais/31enanpap2022/510739-ela-nao-e-deste-planeta--as-visualidades-que-atravesam-e-(de)colonizam-os-licenciados-em-artes-visuais/).

<sup>5</sup> Como na língua portuguesa as palavras têm gênero e em concordância com as pesquisadoras que me aproximo, escolho fazer generalizações de gênero no feminino, visto que o campo da arte/educação é amplamente representado e ocupado por mulheres.

Com os sete estudos selecionados, foram realizadas a leitura dos resumos completos. Essa etapa resultou no total de cinco trabalhos para a leitura das introduções e, posteriormente, quatro trabalhos foram lidos integralmente, com os quais dialogarei ao longo do presente texto. Vejamos a seguir os estudos encontrados.

**Tabela 1** – Teses e dissertações encontradas na BDTD, 2022.

| Título do trabalho                                                                                       | Autor(a)                         | Ano da pesquisa | PPG - Instituição - Estado                                                                            | Link de acesso ao trabalho                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|-----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Regimes de circulação dos saberes: arte, educação e formação docente                                     | Daniel Bruno Momoli              | 2019            | Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Rio Grande do Sul | <a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/202047">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/202047</a>                           |
| Des/obediência na de/colonialidade da formação docente em arte na América Latina (Brasil/Colômbia)       | Eduardo Junio Santos Moura       | 2018            | Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Minas Gerais - Minas Gerais           | <a href="https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BBPHAY">https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BBPHAY</a>       |
| Roda de bordar: atenção distendida em espirais na formação                                               | Vinicius Souza de Azevedo        | 2021            | Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Universidade de São Paulo - São Paulo                    | <a href="https://doi.org/10.11606/T.27.2020.tde-10032021-223225">https://doi.org/10.11606/T.27.2020.tde-10032021-223225</a> |
| Reflexus: pensamento reflexivo e a experiência estética na formação docente em Artes Visuais da UFPel/RS | Raquel Casanova dos Santos Wrege | 2018            | Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Universidade Federal de Pelotas - Rio Grande do Sul      | <a href="http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3920">http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3920</a>       |

**Fonte:** Estado da Arte realizado pelas autoras.

Quanto aos estudos realizados no PPGAV UFPE/UFPB, recorri ao site do programa de pós-graduação e realizei a leitura dos títulos de todas as pesquisas que apresentavam relação com a decolonialidade e/ou formação docente. Das quatro pesquisas, apenas três foram elencadas e, após a leitura do resumo e da introdução, nenhuma foi selecionada, pois não teciam diálogos com o que venho pesquisando.

De início, selecionei investigações que falassem sobre as experiências estéticas e as visualidades como práticas formadoras, no sentido de olhá-las como atravessamentos do/a sujeito/a em formação. Conforme afirma Bondía (2002), o sujeito da experiência é aquele que se deixa passar, ser atravessado, aquele que vivencia determinada experiência e, então, formula saberes.

Retomo à escolha das palavras-chaves para que se torne mais evidente o que me motiva neste percurso investigativo e as questões que busco responder, ou ampliar, ao longo da escrita. Desde o encontro com o aporte teórico da decolonialidade, passei a entender que este seria o campo de estudo com o qual eu me aproximava ao longo da presença na academia, primeiro porque a decolonialidade propõe a dilatação, ou mesmo a desestruturação do que compreendemos como conhecimento, mas por entender que, a partir dela, é possível problematizar a face essencialista da estética Ocidental, ao compreender que esta atravessa os espaços cedidos a outras produções artísticas, ou ainda a outras epistemologias, culturas e estéticas, colocando-as às margens da Arte com A maiúsculo. Neste processo de essencialização de uma estética única a ser aspirada diferenciam-se outras, que se configuram às vezes como arte popular, como cultura de massa, ou arte marginal (VIDAL, 2016).

Neste aspecto, cabe ponderar o conceito próprio da Arte que, a partir da verticalização da cultura erudita versus popular, cria armadilhas como mostra Tomaz Tadeu (SILVA, 1999, p. 14): “A ‘diferença’ aqui, como uma característica da cultura, é abstraída de seu processo de constituição e de produção, tornando-se essencializada”. É necessário, portanto, lembrar que a diferença em sua natureza é um acordo que também assume um papel constituidor e mantenedor da própria diferença. Então, a opção decolonial, provoca à problematização da formação inicial na Licenciatura em Artes Visuais de Rondônia, pensando-a como um projeto de manutenção da verticalização desta estética Ocidental e, em consequência, questiono meu próprio processo identitário, posto que me compreendo como parte dos problemas presentes nos currículos, atravessados pela branquitude, heteronormatividade e diferenciação.

Ao olhar para minha trajetória a partir deste referencial, pode-se dizer que existe na formação inicial na Licenciatura em Artes Visuais diferentes maneiras de circulação dos saberes (MOMOLI, 2019), e que é por meio de um agir pedagógico consciente e democrático que se exercem as mais justas práticas de formação. Abrangendo esta discussão, a pesquisadora Vânia Fortes de Oliveira (2007) comenta sobre o “cuidar de si”, ou que chamo aqui de “entre-lugar” como um agir pedagógico necessário para formação de formadoras, pois é a partir do autocuidado, do olhar e respeitar a si, que compreendo o outro.

Escolho, portanto, olhar para o mundo de forma plural, considerando as particularidades, existências, ciências, epistemologias e ontologias como igualmente importantes, seja para seus próprios contextos ou para o grande coletivo. Esta atitude é tomada em concordância com o que apresenta Oliveira (2007), já que uma vez que reficciono minhas identidades, demarco meu lugar no mundo e vivencio as experiências, deste modo, sinto-me cada vez mais livre para transitar na educação, para respeitar e mediar as experiências de outras sujeitas, e, ainda, selecionar o que compõe o currículo das Artes Visuais. Isso reflete nas ações que, hoje, acredito serem inerentes às professoras atuantes, principalmente no que toca à compreensão e ao respeito com o outro e com suas culturas, coisa que pode ser facilmente esquecida quando encerramos o currículo no etnocentrismo do Ocidente.

Moura (2018) elucida em sua tese um atraso secular nos currículos de duas Universidades da América Latina em relação às sujeitas em formação ao priorizar uma abordagem histórica da arte tida como singular, eurocentrada, androcêntrica, ou mesmo, monocultural, tornando-se evidente que há uma fetichização do Ocidente dentro da academia (QUIJANO, 2005). Em consonância, Azevedo (2021) propõe uma prática espiral desobediente a partir das experiências de grupos historicamente deixados à margem, a fim de refletir teórica e metodologicamente sobre saberes em conexão.

Neste aspecto, não sei dizer ao certo quando optei por tomar como campo de estudo a formação inicial, mas posso afirmar que muitas experiências dos tempos de formação reverberam em mim. Após o ingresso no mestrado, fui tomada pelo desejo de (re)pensar os modos nos quais a Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), onde me graduei, se estrutura, os currículos presentes e os ausentes e o porquê dos repertórios que adquiri de forma independente não estarem presentes nesse currículo. A partir daí, passei a compreender a formação docente como um “entre-lugar”, um espaço para a formação de professoras, das que vão atuar, mas também, das que já atuam “no chão das escolas”, e que precisam, portanto, estar cientes dos mundos possíveis e articuláveis com e por meio das visualidades, que, a sua maneira, desaguardam nas representações identitárias das nossas educandas, na sua maneira de se apresentarem e serem atravessadas pelo mundo ao redor.



### Agulhas, linhas e retalhos

Diante do exposto, apresentamos a seguir os estudos encontrados no estado do conhecimento realizado e que contribuem para ampliar, adentrar, fazer escolhas teórico-metodológicas, pensar sujeitas e recortes do campo, com os quais dialogaremos ao longo da investigação que vem sendo realizada. Dito de outro modo, buscamos os pontos de encontro e distanciamento entre os nossos desejos investigativos e o que vêm sendo produzido acerca da formação inicial nas Licenciaturas, para então compreender a importância dessa e de outras pesquisas para o campo de estudos da formação docente em Artes Visuais.

A primeira pesquisa lida na íntegra foi a tese de Daniel Bruno Momoli, “Regimes de circulação dos saberes: arte, educação e formação docente”, defendida em 2019. Nesse estudo, o autor nos dá pistas de possíveis tremores e caminhos para a articulação dos campos da arte e da educação. Esta investigação é feita a partir da busca por artigos publicados em anais de eventos que discutam educação e arte, então, o autor procura cartografar por meio de palavras/campos recorrentes como as professoras articulam esses saberes.

Momoli (2019) também relata parte da sua jornada como professor da Licenciatura utilizando como método a narrativa (auto)biográfica, e dá destaque para sua participação nos protestos contra as mudanças nas previdências de servidores públicos do estado do Paraná, em Curitiba no ano de 2015, assumindo isso como um agir docente. Nas investigações encaminhadas pelo autor, o agir docente pode se dar de diversos modos, para ele, agir em conformidade com as experiências que nos atravessam é a maneira mais autêntica de tornar-se arte/educadora. Isso implica na compreensão de que as vivências da formação podem acontecer no cotidiano e serem igualmente relevantes às vivências formais. Logo, ao concluir sua tese, o autor descentraliza os caminhos possíveis das professoras dos campos das artes e da educação, sugerindo que a formação docente se dá, de fato, a partir das articulações de saberes em qualquer espaço.

Por sua vez, Eduardo Junio Santos Moura, na tese intitulada “Des/obediência na de/colonialidade da formação docente em arte na América Latina (Brasil/Colômbia)”, defendida em 2018, propõe um olhar desobediente frente a história do continente americano, a bibliografia utilizada nos cursos e a hierarquização dos conhecimentos, partindo do pressuposto da colonialidade/modernidade como instrumento de subalternização da América Latina e das suas produções artísticas. Para isso, o autor visitou duas graduações em Artes Visuais, uma no Brasil e outra na Colômbia, analisando as estruturas coloniais e as desobediências de ambos os programas de Licenciatura (MOURA, 2018).

Desse estudo, é importante frisar o conceito de desobediência empreendido pelo autor, que, a partir da observação das Licenciaturas em Artes Visuais de duas Universidades, na Colômbia e no Brasil, aponta a descentralização da formação docente do âmbito do saber, a aproximação entre as artes e a pedagogia, a não hierarquização da racionalidade em relação a subjetividade como possíveis desobediências a um sistema secular de formação. Ainda são nomeadas outras desobediências, principalmente ao destacar o valor imprescindível para a formação docente da interrelação entre os saberes mediados na academia com seus contextos culturais e a inserção destes no que se compreende por currículo (MOURA, 2018).

Esta pesquisa me faz constante companhia durante o processo de escrita, sinto que caminhamos juntos sem ao menos nos conhecermos e isso me faz perceber a potência que o currículo desobediente tem de nos atravessar e levar a lugares outros. Falo dela como currículo desobediente pois, ao lê-la, percebi a responsabilidade que Moura (2018) assume ao desvelar os problemas de um currículo tradicional e revelar outras propostas que culminaram em um aprendizado e uma reflexão pessoal, óticas que penso serem cruciais para a formação docente em contexto intercultural.

O terceiro estudo encontrado, a tese de Vinicius de Azevedo, “Roda de bordar: Atenção distendida em espirais na formação” defendida em 2021, aponta a íntima relação do autor com o bordado como um caminho possível para uma formação mais afetiva de professoras de artes. É a partir de um olhar-ação espiral como prática metodológica e científica que Azevedo (2021) traz o bordado como gesto e saber político e de resistência



inseridos em um contexto decolonial, por meio do qual se retomam tradições e se partilham conhecimento. Destacamos a potência da referida pesquisa na prática de ensino, pois, ao trazer o pensamento espiral como metodologia científica nos possibilitou imaginar um currículo/espiral, que se dá a partir da roda de licenciandas na sala de aula e que pode ser construído fundamentado nas flechas lançadas nestas rodas.

Este pensamento existe a partir da compreensão de que os saberes orbitam e interagem, ao contrário do que assimilamos na ciência moderna. O pensamento em espiral se opõe ao postulado cartesiano “penso, logo existo” que trata o conhecimento como partículas inarticuladas de um sistema, pois não separa e hierarquiza os saberes. Na espiral, o conhecimento se torna um organismo vivo que produz energia à medida em que interage com outras formas de conceber o mundo, ou seja, com outras epistemologias. Em convergência com tal pensamento, assumo essa espiral como pista metodológica da pesquisa dissertativa, flertando com a possibilidade de conversar com as acadêmicas da Licenciatura em Artes Visuais da UNIR e de andarilhar pelo campus da Universidade a fim de compreender quais des/obediências curriculares atravessam as pessoas em formação inicial da Licenciatura em Artes Visuais.

As metáforas que a tese tece entre educandas, professoras e bordados são inúmeras, podemos pensar que a sala de aula espiralada se torna um grande bordado, onde cada uma contribui com seus pontos e forma seus bordados/identidades à medida em que dialogam. É ainda possível olhar para o currículo das licenciaturas em Artes Visuais como essa tecelagem, em que os assuntos abordados vão ao encontro da tecelã que o propõe. É neste sentido que a roda de bordar proposta por Vinicius vem ao encontro à nossa costura, dando-nos a oportunidade de coser uma linha a mais, ao olhar para as bordadeiras como parte de um currículo decolonial.

A autora Raquel Wrege, da dissertação “*Reflexus*: pensamento reflexivo e a experiência estética na formação docente em Artes Visuais da UFPel/RS”, defendida em 2018, propõe um olhar para as experiências estéticas das licenciandas em Artes Visuais da UFPel a partir do currículo para, então, destacar a importância da ação reflexiva acerca dessas experiências como marcadores para/da/na atuação profissional. Assim como na pesquisa de Azevedo (2021), Wrege (2018) propõe uma reflexão da experiência estética como prática de formação a partir da ação.

Com base em seus escritos, a autora revela aquilo que acredita formar a identidade profissional da arte/educadora, uma integração entre mediadora, professora, proponente e artista como faces da docente em Artes Visuais e atenua a criação como um ato de percepção; para tanto, dialoga com as licenciandas para compreender as suas preocupações e questões acerca do que é ser professora (WREGE, 2018).

Esse estudo aponta caminhos fortuitos para o campo da arte/educação, no entanto, divergente da proposta que pretendo encaminhar, visto que busco uma perspectiva passiva da estética, um atravessamento do currículo nas identidades já formadas das licenciandas em questão. Portanto, agradeço à Wrege (2018) por percorrer um caminho e mostrar-me a bifurcação; creio que assim acontecem as urdiduras de pesquisa, observamos os caminhos traçados por outras pessoas que elucidam os nossos próprios anseios, por vezes distintos.

## **Urdidura**

Ao encerrar a presente escrita pode-se dizer que os estudos encontrados revelam que há grande preocupação em (re)pensar as bases das licenciaturas, seja a partir dos currículos, das memórias/experiências ou das questões inerentes ao conhecimento das Artes Visuais. No entanto, é preciso considerar que ainda são poucos os estudos com recorte para a decolonialidade na formação inicial na Licenciatura em Artes Visuais encontrados, ainda que tenham sido realizadas buscas a partir de várias organizações de descritores. Isso implica afirmar que encontro uma lacuna no fazer e pensar a docência a partir do atravessamento destes currículos nas educandas, posto que é preciso considerar os atravessamentos e saberes articulados por elas como elementos formativos.

Estas pesquisas articulam, mesmo que com diferentes argumentos, uma “mudança de chave”, uma aproximação entre educanda e as Artes Visuais, seja por meio do bordado, das vivências com os conteúdos ou da problematização destes. No entanto, é preciso ponderar que estas pesquisas estão centralizadas em um eixo regional que, historicamente, concentram privilégios econômicos e, portanto, de acesso à educação. Assim, busco questionar também no meu percurso investigativo a condensação de pesquisas no eixo Sul-Sudeste e a razão pela qual a busca por apresentar e representar as

diversas identidades não se apresentam de maneira mais destacada na região Norte, particularmente em Rondônia.

Ademais, olho para as pistas deixadas pelo estado do conhecimento empreendido na BDTD e acrescento os achados do estado do conhecimento já realizado e anunciado ainda na introdução deste artigo para, então, delimitar como objetivo geral uma possível cartografia das pistas da decolonialidade na Licenciatura em Artes Visuais da UNIR.

Finalizamos esta escrita retomando os títulos escolhidos para as seções, que aludem à costura. Pesquisar é um urdume, é colocar linha sobre linha, brincar com as cores, formas e desenhos à medida em que se apresentam. Penso que coser assume um gesto extenso, contínuo e, se assim o quiser, infinito. Dessa maneira, costuro minhas experiências de formação, inicio uma pesquisa que não sei onde ou mesmo se terminará, sigo enquanto houver linha no carretel.

## Referências

AZEVEDO, V. S. **Roda de bordar: atenção distendida em espirais na formação de professores de arte**. 2021. 419 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.27.2020.tde-10032021-223225>. Acesso em: 5 nov 2022.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbdu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2022.

MOMOLI, D. B. **Regimes de circulação dos saberes: arte, educação e formação docente**. 2019. 199 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/202047>. Acesso em: 5 nov 2022.

MOURA, E. J. S. **Des/obediência na de/colonialidade da formação docente em arte na América Latina (Brasil/Colômbia)**. 2018. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BBPHAY>. Acesso em: 5 nov 2022.

OLIVEIRA, M. C. R.; VIDAL, F. S. L. “Ela não é deste planeta!”: as visualidades que atravessam e (de)colonizam os licenciados em Artes Visuais. In: Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP. **Anais...** Recife(PE) On-line, 2022. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/510739-ELA-NAO-E-DESTE-PLANETA--AS-VISUALIDADES-QUE-ATRAVESSAM-E-\(DE\)COLONIZAM-OS-LICENCIADOS-EM-ARTES-VISUAIS](https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/510739-ELA-NAO-E-DESTE-PLANETA--AS-VISUALIDADES-QUE-ATRAVESSAM-E-(DE)COLONIZAM-OS-LICENCIADOS-EM-ARTES-VISUAIS). Acesso em: 28 jul 2023.

OLIVEIRA, V. F. **Territórios da formação docente**: o entre-lugar da cultura. 2007. 61 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-130. (Colección Sur Sur). Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>. Acesso em: 10 nov 2022.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIDAL, F. S. L. **Um olhar caleidoscópico nas/para as formações estéticas/culturais de professores(as)**: experiências e construções de identidades docentes estéticas no curso de pedagogia da UFPE. 2016. 369 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18004>. Acesso em: 30 out. 2022.

VORRABER, M. C. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: VORRABER, M. C. (Org.). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 139-153.

WREGGE, R. C. S. **Reflexus**: o pensamento reflexivo e a experiência estética na formação docente em Artes Visuais da UFPel/ RS. 2018. 242 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3920>. Acesso em: 5 nov 2022.